

Tertúlia a propósito do livro “Misericórdia”

Lídia Jorge, escritora

Projeto “O envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional”

Centro de Cultura e Intervenção Feminista da UMAR

Lisboa, 9 de março de 2023, 100 minutos

Introdução

Muito obrigada pelo convite e por estarem aqui presentes. Queria agradecer as palavras da Teresa Sales e da Ana Borges. Também quero saudar vivamente a Manuela Tavares, que para mim continua a ser o símbolo da UMAR. Quando falam da UMAR eu vejo o seu rosto, no que é esta casa, este projeto e esta luta, num país onde é difícil lutar pelas mulheres, sobretudo porque a luta não se vê. Ainda ontem vi a diferença entre a nossa passividade e a proatividade das espanholas. Não é uma passividade real, nós temos uma atividade, mas é escondida. Entre nós e as espanholas não há comparação possível, elas são ativas, elas movimentam-se. Às vezes olhamos para elas e pensamos que é um exagero. Os homens acabam até por ter medo das mulheres em Espanha, porque elas são tão ativas que amedrontam. Na verdade, o nosso lado é o oposto. Acho que caminhamos, mas o nosso processo é diferente. É um processo muito lento e secreto, precisava de ter uma voz mais alta. A UMAR é, possivelmente, a grande voz, hoje não só, mas a grande voz simbólica deste movimento.

Considerações acerca do movimento feminista em Portugal

Antes de falar do livro, talvez possamos trocar impressões acerca das nossas vidas. Queria dizer duas coisas. Primeiro, sinto que pertenço àquilo a que hoje se chama o “terceiro feminismo”. Quando comecei a publicar, em 1980, tinha havido o grande movimento feminista dos anos 70, dos quais, entre nós, na literatura, “as 3 Marias” são o expoente máximo. É uma alegria chegar aqui e ver que está na parede do jardim alusão às “três

Marias”. Sugiro que, para além disso, se ponha o nome de cada uma delas, para as individualizar, já que tiveram percursos diferentes.

Há uma delas que está viva, ainda a publicar, e as outras já cá não estão. Apesar de serem as “três Marias”, são três mulheres diferenciadas. Elas seriam o que chamaríamos o “segundo feminismo” porque o primeiro foi o das pioneiras, do século XIX e início do século XX. Depois veio a minha geração: eu, a Teolinda Gersão, a Correia, o nosso grupo. As feministas da altura diziam que eramos traidoras do movimento, porque a nossa linguagem era diferente. Agora, à distância, apercebemo-nos que tinha sido conquistada uma linguagem e um estatuto que estava ultrapassado.

Nós queríamos uma outra coisa. Em Portugal, aparecemos num momento de revisão da História, depois da Revolução. A grande preocupação era narrar o que tinha acontecido, narrar a guerra colonial, a opressão, onde as mulheres têm um papel fundamental enquanto vítimas, mas digamos que a questão de falar sobre o movimento histórico foi mais importante do que falar do ângulo das mulheres. Os movimentos feministas entenderam uma adulteração da nossa parte, mas isso não se deu. Foi um momento de evolução diferente, até porque pensávamos que com a revolução e com o movimento feministas muitas coisas estavam a ser adquiridas.

Muitas foram, mas à medida que o tempo passa, percebe-se que outras estão a ser perdidas e o estigma continua o mesmo. Tudo o que ontem se disse (8 de março), percebe-se que o movimento é muito lento e que há benefícios, apesar da era digital ter criado outros problemas que caem muito sobre as mulheres. Isto para dizer que pertenço a esse grupo e que a minha linguagem não é a mesma do anterior. Pode haver um desencontro de linguagem, mas o sentido é o mesmo.

O outro ponto é que os escritores, sobretudo os escritores de ficção, têm um problema. Nós temos um problema que também pode ser uma virtude, que é a de nos metamorfosarmos em várias personagens. Quem escreve é, ao mesmo tempo, homem, mulher, velho e novo, criança, é tudo. Os escritores de ficção são tudo. Nós queremos ser tudo! Por exemplo, a Augustina é uma feminista, mas uma vez disse-me: “Eu sou feminista, mas não nos meus livros” e eu compreendo isso. Ela foi uma das mulheres que subscreveu a

questão do aborto, apesar de ter mais de setenta anos. Eu era amiga dela e sei que ela lutava pelas mulheres e pela sua decência. Ela queria que as mulheres fossem lutadoras e dizia que na geração dela, a palavra de honra era só dos homens. A palavra das mulheres não era considerada uma palavra honrada. A Augustina dizia que as mulheres precisavam de ganhar um estatuto de ter uma palavra de honra. Hoje é um gosto perceber que, apesar de tudo, as mulheres têm uma palavra de honra.

Outra coisa que se dizia, era que as mulheres não tinham contenção verbal, que não eram capazes do segredo e que, por isso, não poderiam ser como os grandes políticos, juízes, padres e sacerdotes. Hoje, felizmente, não temos mais esse estigma. Isto, na literatura, tem uma repercussão enorme. Nos livros, como os de Vergílio Ferreira e Milan Kundera, as mulheres aparecem como não sendo capazes de entrar no jogo verbal dos homens, sem capacidade de conter a palavra e dominá-la. Isto foi ultrapassado neste terceiro feminismo, aquele a que pertencemos. Amanhã será o quarto, o quinto, o sexto e assim por diante, porque somos seres históricos.

Considerações acerca do livro “Misericórdia”

Findos estes dois pontos introdutórios, é preciso, como se diz, falar do nosso “lugar de fala”. Eu falo do meu lugar como escritora e mulher que luta pelas mulheres. Este livro tem este título tão solene, religioso, brutal e exigente, “Misericórdia”, porque eu quis responder a um pedido que me foi feito pela minha mãe, que faleceu vai fazer três anos, a dezanove de abril. Quando ela me pediu, eu não sabia bem o que ela queria. Como ela estava no Lar da Misericórdia, eu pensava que queria que eu escrevesse um livro para se queixar disto e daquilo. A certa altura, já no fim, percebi que não era isso. Perguntei-lhe o que é que ia escrever num livro com esse título e ela respondeu: “Para pedires que as pessoas sejam mais humanas, tenham mais capacidade de misericórdia umas com as outras, quando as pessoas já não dominam o seu corpo e já não conseguem tomar conta da sua vida”. Mesmo assim, eu pensei que nunca ia escrever um livro com este título, parecia-me uma coisa estapafúrdia.

O que aconteceu foi que, depois de ela falecer, tive de voltar atrás ao que ela me tinha pedido. Foi difícil para mim encontrar a forma. Eu comecei por imaginar um livro escrito em terceira pessoa, em que narrava aquilo que eu tinha percebido naquilo que era a tentativa de misericórdia sem se conseguir a misericórdia. Depois achei que era injusto, que não conseguiria atingir o significado e que a voz tinha de ser a da minha própria mãe. Portanto, este livro é único na minha vida. Nunca tinha escrito um assim e não o volto a fazer.

É um livro híbrido entre uma biografia, com alguns traços autobiográficos, mesmo não sendo minha intenção. É, para além disso, um livro de família, uma crónica do tempo. Talvez a sua forma mais visível seja um diário, escrito em dois patamares: um com a voz da minha mãe, a voz transfigurada numa personagem porque é uma ficção, a voz da D. Maria Alberta e o pensamento dela em voz alta. Depois há pequenos textos, muito breves, que se assemelham a poemas, haikus ou notas de rodapé, que correspondem à interpretação de um diário que a minha mãe fez até aos últimos dias da sua vida. Os últimos textos que tenho são pequenas palavras em pequenos papéis, quando ela já não podia com o bloco, nem com nada. Ela tinha uma bolsinha de pano com um bloco por dentro, assim como os papelinhos. Lá estão as últimas palavras que ela escreveu, sempre sobre a sua vida, até ao final. Ela foi amparada pela escrita até ao final. A escrita amparou-a, mantendo a sua mente ativa e a sua capacidade de transfiguração das coisas. A escrita foi a forma dela de não aceitar a realidade tal como ela era, de lutar e resistir.

Eu resolvi isto na altura em que pedi que me dessem os últimos objetos da minha mãe, que eram os “enfeites” dela, a bijutaria. Ela nunca se desfez do colar, dos brincos e do anel. Ficou até ao fim com aqueles objetos de enfeite, apesar de ter passado a pandemia, numa situação como a descrita no livro. Foram situações dramáticas e traumáticas e ela passou-as agarrada às bijutarias para se enfeitar até ao fim da vida, para não aceitar a natureza. É por isso que pomos essas “pendurezas” nos nossos corpos, para não aceitarmos a natureza como ela é. Ela manteve isso até ao fim e, depois, quando eu abri o saquinho, estavam lá dentro aquelas últimas folhinhas com o lápis pequenino aparado pelo meu marido, porque ela já nem podia com o lápis inteiro para escrever.

O que estou a contar é capaz de parecer um bocado melodramático, mas é a realidade, e penso que se a conto é porque acho que há muitos casos semelhantes. A luta por sermos outra coisa para além de nós próprios, além do animal racional que somos, é próprio de todos nós, e em geral, as pessoas não têm a capacidade de expor isto em público. Os escritores são as pessoas que têm de perder o pudor e falar de coisas que as outras pessoas têm pudor de contar.

Eu resolvi escrever este livro sobre o último ano de vida da minha mãe, sobre aquilo que se passou e aquilo que inventei, que a realidade veio a acompanhar depois. Isto deixou-me surpreendida e estranha, mas a vida é assim e a ficção tem essa capacidade de imaginarmos coisas que depois vêm a acontecer. É um dom que todos temos, o de alguma previsão, mas os escritores podem-no dizer, que não são tomados como idiotas! Se todos nós começássemos a dizer aquilo que estamos a prever, as pessoas acusavam-nos de sermos idiotas. Então, não as dizemos, porque o nosso contrato é racional. De manhã à noite falamos apenas do que é proveitoso, lógico e comum.

De facto, existe o outro lado, que é guardado, e é isso que fazem os escritores: depor para o exterior aquilo que está guardado. Então, “Misericórdia” é isso: é este livro que resultou de uma espécie de diário, meio ficcionado, meio real, de uma mulher que não queria abandonar a terra, que a achava demasiado bela e boa para se continuar a viver, e que duvidou sempre sobre o que iria encontrar depois da morte. Duvidou até ao fim. A crença dela era na vida. Se entenderem que este livro é um livro de resistência, de luta, de amor à vida, à terra e aos seres humanos, então valeu a pena!

Primeira intervenção – Teresa Sales

Eu acho que este é um livro de resistência, porque ela resiste até ao final, ela está lúcida até ao final. Outra particularidade é o seu amor à terra e às plantas, seguindo um ciclo de vida que tem a ver com as estações. Há uma ligação telúrica à terra. Ela resiste a muitas coisas, até a preconceitos, como é exemplo do casal que se apaixona, querendo combater esse preconceito relativamente a pessoas mais velhas se enamorarem. Via o mundo por uma perspetiva feminista. Agora passo a palavra a quem quiser intervir.

Segunda intervenção - Rita Oliveira

Eu posso dizer que os momentos que me marcaram mais do livro foram os encontros que surgiam com a noite. Depois, fui surpreendida, no final, pela passagem de ano, que foi aquele momento que achei muito comovente, de todos irem assistir ao fogo de artifício, um sinal de esperança. Gostei de perceber como é envelhecer num corpo de uma mulher e, efetivamente, a existência dos enfeites que lhe concediam a sua identidade e singularidade, apesar de estarem num ambiente que tem de respeitar uma certa ideia de coletivo e de grupo. Isso para mim é algo que me assusta muito, essa perda de identidade, numa altura em que as mulheres estão mais fragilizadas. Para mim foi um livro belo.

Terceira intervenção - Ana Borges (em representação da Sra. Presidente da CIG)

Esta questão surgiu-me no seguimento da intervenção, que se relaciona com uma coisa que disse a Luísa Amaral, uma vez, numa entrevista, em relação à forma como escreviam as duas. Dizia “imagino que Lúcia Jorge para escrever, se fecha num monte, se isola, o que para mim era impossível, que tinha de estar no meio da existência do quotidiano”. Na sequência desta conversa, imaginei, de facto, Lúcia Jorge dentro destas personagens, num retiro onde pudesse conviver com estas múltiplas vozes, talvez até, com estes “mortos ainda vivos” e entrar numa espécie de misticismo. A palavra é muito forte, mas de isolamento em convívio com estas personagens. É um bocadinho este processo que se passa com esta narrativa imaginária e ficcional?

Lúcia Jorge acerca do seu processo literário e aprendizagens no Lar

A poesia pode surgir de uma forma mais fragmentária. Há livros em que os poetas dizem que os escreveram em três ou quatro dias, mas, em geral, os livros não precisam deste trabalho de quase enlouquecimento, que é uma pessoa imaginar várias figuras, todas diferentes do próprio, que, no fundo, é uma espécie de peça de

teatro que se tem na cabeça. Exige uma concentração enorme. Muitas vezes se pergunta o que é a inspiração e se a pessoa está inspirada. Na verdade, o fenómeno da inspiração não está envolto em misticismo. Para mim, a inspiração é um ato de memória do passado, com a memória do futuro, que se condensa no presente em absoluto. Em geral, escreve-se sobre aquilo que aconteceu, aquilo que se sabe e viveu, mas transfigurado. Essa transfiguração é isso projetado no futuro. O futuro aparece onde entra o desejo. Algo pode não ter existido assim, mas eu queria que assim fosse, e podia tê-lo sido. Este condicional é chamado por nós para o presente. Temos o passado no presente, numa condensação.

Há pessoas que agem de uma maneira diferente. A Agustina era capaz de escrever das cinco da manhã às onze e depois fazer o almoço e, a seguir, ir para o primeiro de janeiro. Ela tinha a mente estruturada para isso. Eu tenho pena de não ser assim, porque teria gerido de forma diferente a minha vida. Eu preciso de um tempo para entrar dentro de uma história, ficar lá e concentrar-me em absoluto e, depois, sair lentamente. Quando saio, não sei onde estou, quando vou à rua parece-me um mundo estranho porque estive num outro mundo.

Falar no nome da Ana Luísa Amaral é uma dor, como se sabe, mas, ao mesmo tempo, uma alegria porque ela deixou uma obra maravilhosa. Fomos muito amigas, seremos amigas enquanto eu viver. Ela tem um lado festivo, que também é um pouco o meu. Eu não sou uma escritora do negrume, no sentido de me esconder na sombra. Eu gosto de pessoas, do convívio, gosto do género humano. No entanto, para trabalhar, preciso, de facto, dessa concentração. Neste caso, quando encontrei o tom, foi fácil. Aquele palco estava muito vivo.

Estas pessoas começam a ter alguma idade, não podem ficar em casa e vão para um lar. Aprendi algumas coisas depois de ter seguido, durante três anos, aquele lar: em primeiro lugar, a comunicação social faz um péssimo trabalho, procurando os problemas e ampliando-os. Não é preciso ir a um lar. Se eu tiver uma pessoa com noventa anos em casa, e se eu fotografar o seu leito, determinadas posições e situações, as suas necessidades, e mandar para a televisão, haverá sempre motivo para dizer que isto é repelente. Aliás, a nossa própria vida, se fotografarmos determinados ângulos do nosso quotidiano, tivermos a idade que

tivermos, vai ser repelente. Não podemos expor permanentemente, o ser humano tem de ter lugares escondidos.

O que acontece é que, nos lares, as pessoas ficam expostas à curiosidade mórbida dos outros. Estes lares que encerram com grande exposição fazem com que as pessoas sintam um medo tremendo de ir para esses sítios. Eu posso dizer-vos que o lar em que a minha mãe esteve e outros que visitei são lugares de generosidade, de carinho, lugares onde se substitui a família, em muitos aspetos melhor do que a família. São lugares de doação. Há cuidadores extraordinários, que tratam as pessoas com um carinho imenso. Lembro-me de uma cuidadora, sabendo que não havia comida boa a gosto pessoal, neste caso batata-doce assada, fazia-as e levava para quem gostava. Assisti a situações comoventes de carinho a pessoas idosas. Passar a ideia de que os lares são sítios de maus-tratos é errado. Há que denunciar maus-tratos onde eles existem, mas daí até esta propaganda, eu discordo.

Por outro lado, devo dizer-vos que aquilo que me pareceu e senti em geral é que as mulheres sobreviviam melhor à velhice do que os homens. Os homens estavam mais desamparados. O hábito do manual, de se sentarem, de estarem quietas, era mais fácil para as mulheres. Somos mais pessoas de espera. Muitas vezes, a nossa ação é uma espera interior, por isso é que as mulheres são mais leitoras do que os homens. Não sei se, possivelmente, todos estes possam ser estereótipos que até estarão a passar. Talvez a geração dos mais novos que aqui estão já não seja assim. Na verdade, as mulheres concentram-se mais facilmente e têm outro tipo de convívio. Reparei que elas aguentavam melhor o estar isoladas e sós do que os homens, que pediam muito que os deixassem fumar, sair...

Outro aspeto que concluí é que este caso que conto, não é um caso isolado, há pessoas que vão até ao fim lutando, tendo sempre noção do seu corpo e da sua vida. No entanto, isto não acontece em todos os casos. Há casos em que as pessoas quase se tornam noutras e ficam difíceis de tratar: perdem a memória, desorientam-se, não sabem se é tarde, se é noite. Há pessoas que eram maravilhosas e se tornam agressivas. A partir de certa idade, o que devemos pedir, entre outras coisas, é sermos conscientes de nós próprios até ao fim da vida, para não incomodarmos demasiado os outros e, esteticamente, digamos, sermos capazes de manter viva a

nossa dignidade. Mas nós não mandamos nisso. Por isso, quando me perguntam “Todas as pessoas são assim?”, eu digo “Não”. A minha experiência direta, é que não é assim. Há pessoas extremamente difíceis e eu compreendia que os cuidadores quisessem dar-lhes um comprimido para os apaziguar, para se tornarem, outra vez, pessoas com alguma obediência e cerimónia perante a vida. Precisamos de ser cerimoniosos. Ali são sítios onde tudo isto acontece.

Ainda há outro aspeto: sempre achei que os piores casos são aqueles em que há abandono por parte da família. Quando as pessoas estão lá, mas os familiares podem continuar a telefonar, a aparecer, a estar presentes, a não quebrar a relação afetiva, as pessoas mantêm-se melhor, porque há um conforto e uma esperança. As pessoas não têm só o presente, mas o passado e o futuro. Muitas vezes, é através da sua história com o passado que elas se encontram com a história e o futuro. Sempre me pareceu que os que mais vivem o seu tempo de uma forma estruturada são aqueles que se interessam pela vida dos outros e pelo que vai acontecer. Das coisas que achei mais curiosas foi a relação das pessoas que ali estavam, já com uma certa idade, e dos jovens cuidadores. As pessoas vivem a vida dos jovens cuidadores. Quando eles chegam e dizem: “Ah, tenho um namorado!”, “Vou passar as férias a tal sítio!”, “Vou ter uma criança!”, gera uma alegria nos idosos que eu própria vi. Foram situações muito vivas e foi tudo isso que tive de concentrar em todos os meses em que escrevi. A Ana Luísa Amaral Perguntava-me, “Mas ainda estás aí?” e eu dizia “Sim, ainda estou aqui fechada!”.

Quarta intervenção - Teresa Sales

O seu processo de criação literária passa pelo isolamento? Quando trabalha as personagens, tem de se isolar? É interessante como cada uma de vós tem o seu processo.

Quinta intervenção

Foi, de certa forma, difícil ou doloroso escrever este livro? Em algum momento pensou que não o conseguia acabar por causa da sua mãe?

Lídia Jorge acerca dos últimos dias de vida da sua mãe

Em princípio pareceu-me tudo doloroso. Era a memória, não sabia o que fazer, estava em pleno luto. Nunca mais voltei a ver a minha mãe, ela faleceu após quarenta dias de isolamento. Muita gente teve a experiência de passar pelos funerais naquela altura, isolados, ninguém podia assistir. Foi tudo muito forte e intenso. Simplesmente, quando encontrei o tom do livro e comecei a ouvir a voz dela, foi fácil, leve e bom. Foi glorioso para mim! Glorioso não no sentido de triunfo exterior, mas no sentido interior, no sentido em que estava a responder àquilo que ela queria dizer. Há uma passagem que corresponde a uma realidade, a uma vez que fui ver a minha mãe e ela estava a dormir. Sentei-me na outra cama a esperar que ela acordasse. Fui capaz de me lembrar que naquele dia ela me tinha pedido que eu não voltasse a vê-la durante um tempo, para eu poder escrever. Ela sabia que eu interrompia todas as tardes para ir lá, pensando que lanche levava e todo o tempo a deslocar-me. A coisa que ela mais queria era que eu lá fosse, mas deitada, meio a dormir, pediu-me, no final, “Não venhas ver-me, vai trabalhar”. Foram estas as últimas palavras que me disse.

Compreenderão porque é que foi um livro escrito ao mesmo tempo com inteligência e não só com lirismo solto. Teve de ser escrito com domínio e capacidade de raciocínio. Apesar disto, o motor que me fez agir foi afetivo. As últimas palavras que me disse ao telefone, dois dias antes de falecer, foram “Não me telefones mais, quero ir trabalhar”. Ela sabia que ia morrer, mas disse-me isto, como se dissesse “Eu vou trabalhar. Porque não trabalhas tu?”. A expressão é complexa. Também se pode interpretar como se não fosse realmente morrer, porque o que ela queria fazer era trabalhar, ao mesmo tempo, alertando para o seu exemplo: “Tu que te dispersas, tu que és má gestora da tua vida, vai trabalhar”. Foram memórias tão fortes. Isto para dizer que foi um misto das duas coisas. Quando percebi que tinha a voz dela e que tinha encontrado a forma de transmitir o pedido que ela tinha feito, escrever foi um ato de alegria.

Sexta intervenção - Ianira

Eu também tenho aquela contenção que falou no início, no uso da palavra. Na minha geração ainda persiste, infelizmente. É-nos ensinado que, quando as mulheres falam em público, e especialmente, quando a palavra é política, devem atenção ao cabelo. Se tem cabelo comprido, devem amarrá-lo, para não passarem a mão e para não distrair as pessoas. A minha geração ainda é fruto dessas dificuldades da contenção da palavra, nomeadamente mulheres.

Eu posso quase afirmar que nunca li um livro inteiro seu, em primeiro lugar, pela inacessibilidade. Eu nasci na Guiné e a primeira vez que vi um livro da Lídia Jorge foi na prateleira do meu avô, que era um grande leitor. Penso que era o “Vale da Paixão”, se não me engano. Já não tenho acesso porque o meu avô faleceu há doze anos e a maior parte dos livros ficaram com a minha prima. Lembrome de folhear algumas folhas, mas para além de ser muito nova para compreender alguns aspetos do livro, também não tinha nenhum conhecimento de quem era a Lídia Jorge. Neste momento, sei quem é a Lídia Jorge.

Agora falo do envelhecimento. O envelhecimento é algo assustador, principalmente para uma pessoa que vive neste momento em Portugal, que tem uma forma muito diferente do meu país de origem. Eu faço voluntariado há cinco anos num lar de idosos. Vi pessoas a serem retiradas das suas casas por falta de medidas da habitação para serem institucionalizadas, não porque não tinham capacidade ou autonomia para continuarem a viver nas suas casas, mas por falta de respostas à crise da habitação. Neste momento, o envelhecimento para mim é algo que me assusta, é um terror, não quero perder aquela autonomia, nem dignidade, não quero chatear pessoas, nem quero chegar a esse momento que vejo como o final.

Já vivo há quase dez anos em Portugal, tenho vinte e um anos e é uma parte que me entristece. O que me foi ensinado no início é que a morte é uma continuidade. A minha avó morreu cedo, com sessenta e quatro anos e ela dizia “Porque é que eu estou viva? Devia ter morrido há muito tempo”. A morte sendo um fim, neste momento, é algo que me causa terror, assim como as experiências que vejo de institucionalização, falta de autonomia e liberdade. Terei de ter muita coragem para ler o livro, mas farei esse imenso esforço porque penso que, tendo experiências mais positivas, poderá tirar-me desta perspetiva tão negativa do envelhecimento.

Lídia Jorge acerca do envelhecimento

O que disse dá para falarmos imenso. Quero dizer duas coisas só: uma coisa é envelhecer, outra coisa é morrer. Nós nascemos e, por isso, morremos. É uma questão fundamental na nossa vida, devemos prepararmo-nos para isso e sabermos que somos finitos. Depois, cada pessoa encontra resposta, seja do foro religioso ou filosófico, para o seu envelhecer. Era muito jovem quando li, numa revista, na praia, uma frase de uma escritora francesa que dizia “A velhice é uma montanha que está sempre ao longe. Não consigo imaginar como será quando começar a subir essa montanha”.

Eu gosto de citar os escritores porque acho que eles têm uma filosofia selvagem, que não está codificada. Aprendo muito com eles. José Lezama Lima diz: “O grito que se dá ao nascer, é o mesmo grito que se dá ao morrer”. Tenho ideia de que, de facto, não vale a pena vivermos com medo. Eu acho que a nossa vida é como um fósforo: se nós queremos fazer alguma coisa, se queremos iluminar, seguir uma missão, temos de riscar o fósforo que, depois, termina. Medo é ter cuidado. Sabem o que estava escrito na faca de Caravaggio, o pintor italiano? “Quando não se tem esperança, não se tem medo”. Não ter medo é bom, é viver mais a vida.

Sétima intervenção – Ana Sara Brito

Quando nascemos, temos uma certeza, que é a de que vamos morrer, mas temos um desejo, que é o de envelhecer, porque vivemos! Ao contrário do que se diz em Portugal, de que a cada ano que fazemos é menos um ano, eu digo o contrário. Cada vez que faço anos, é mais um ano de vida, que é uma grande alegria. Temos de viver e saber envelhecer. Não há que ter medo, há que viver, ultrapassando as dificuldades, uns dias melhores, outros piores.

Em Portugal, nem sempre deixam que os idosos se preparem e se cuidem. Ouve-se a frase “Lá está a velhota a embonecar-se”, é depreciativa. “Velhas gaiteras”, como se diz aqui. Sou de Trás-os-

Montes e as mulheres sempre gostaram de se arranjar. Os lares têm de deixar que as pessoas sejam elas próprias. A comunicação social contribui para que as pessoas digam que não gostam de ser velhas. Não há “idiosidade”, há envelhecimento. Envelhecimento é viver.

Há uns anos, estava na Suíça, e um sociólogo, a falar de envelhecimento, na década de 80, dizia “Cada velho que morre é uma biblioteca que se perde”, porque o saber daquele velho é único. Agora é pecado as pessoas mais velhas gostarem de se arranjar, de falar de amor ou sexualidade. Através do livro da Lídia Jorge, o lar é um espaço saudável, onde as pessoas se sentem bem e têm a sua autonomia. É isso que se deve transmitir: há lares que funcionam e não infantilizam os idosos. Temos de reagir quando se diz que “os idosos são um problema”, antes pelo contrário, são uma riqueza.

Oitava intervenção

Escrever este livro foi uma forma de fazer o seu luto?

Lídia Jorge acerca do papel da arte no luto

Sim, claro que escrever este livro foi uma forma de fazer o meu luto. A prova de que foi o facto de ter ficado com os objetos dela em casa e ter pensado que nunca me conseguiria desfazer deles. Quando acabei o livro, senti que o conseguia fazer, a situação era outra. Os objetos já não me interessam, o que significa que o luto está feito. Eu desejo que todas as pessoas encontrem uma forma de superar o luto, criando alguma coisa. A arte, sejamos nós a fazê-la ou a usufruir dela, é uma das melhores válvulas de escape. Nós conseguimos sentir a liberdade da existência de uma forma que só a arte pode dar. Hoje em dia, num mundo de desorganização, a arte continua a ser o expoente máximo da nossa libertação.

Conclusão

Vamos pensar no domínio da utopia: as mulheres têm de alcançar um outro estatuto e ter palavra de honra, e os homens têm de ser mais amigos das mulheres. Eu sou de uma geração que pensava que a mulher era o futuro do homem, que iriam entrar na política, na

saúde... e iam ser diferentes. Ainda não somos diferentes. Continuo a ter essa utopia e espero que todos continuemos, também.

Transcrição efetuada por Rafaela Nunes